



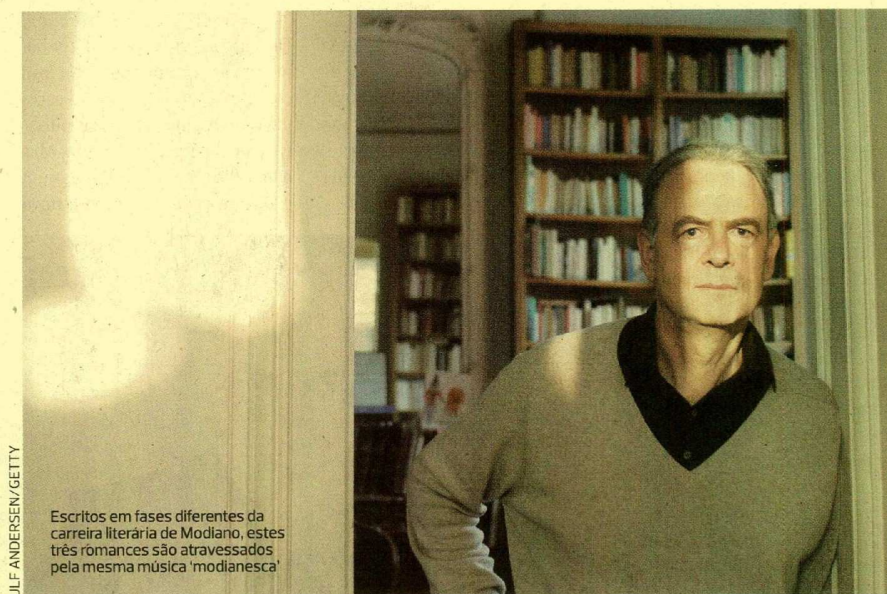
Sombras e fantasmas

O Prémio Nobel da Literatura atribuído a Patrick Modiano está a permitir a sua redescoberta

Texto José Mário Silva

Sempre que a Academia Sueca anuncia, nos primeiros dias de outubro, o novo Nobel da Literatura, há um compreensível surto de curiosidade em relação ao autor distinguido e maior procura das suas obras nas livrarias. No caso dos absolutos desconhecidos, é preciso esperar pelas primeiras traduções. No caso dos já consagrados e publicados na íntegra, como Vargas Llosa, recuperam-se exemplares do armazém e aumentam-se as tiragens. Quanto aos que ficam a meio caminho entre os dois extremos, como Patrick Modiano, o vencedor deste ano, reeditam-se os livros esgotados e vão-se publicando os que ainda estavam inéditos por cá. Assim vimos chegar, em poucas semanas, uma nova edição de “No Café da Juventude Perdida” (ASA, recenseado neste suplemento em 2009), reedições revistas de “Um Circo que Passa” e “Domingos de Agosto” (Dom Quixote), e a revelação de “As Avenidas Periféricas”, com chancela da Porto Editora, que já publicara “O Horizonte” (2011) e garantiu recentemente os direitos dos dois últimos romances do escritor, “L’herbe des nuits” e “Pour que tu ne te perdes pas dans le quartier”, a lançar durante o primeiro semestre de 2015.

Na lacónica justificação do Nobel para Modiano, foi destacada “essa arte da memória com a qual evocou os destinos humanos mais inacessíveis e nos revelou a vida quotidiana sob a Ocupação”. Podia ser, numa linha, a sinopse de “As Avenidas Periféricas” — Grande Prémio de Romance da Academia Francesa em 1972.



Escritos em fases diferentes da carreira literária de Modiano, estes três romances são atravessados pela mesma música 'modianesca'

ULF ANDERSEN/GETTY

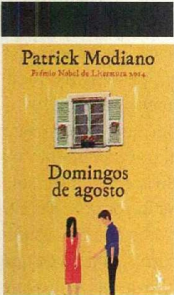
Embora a Ocupação nunca seja nomeada explicitamente (nem os alemães nem o regime de Vichy), é dessa época sem “nada onde nos ampararmos” que se trata. No movimento de aproximação ao pai, um homem obscuro de quem se afastou dez anos antes e que desde então se tornou uma “imagem fugidia”, o narrador penetra num mundo de sombras. Se o pai se envolve em todo o tipo de esquemas duvidosos e negociatas mais ou menos ilegais, as figuras que o rodeiam não são melhores: um ex-legionário alcoólico, um diretor de jornal chantagista (ambos antissemitas primários), mulheres de má fama, toda a sorte de boémios decadentes que vivem a falsa euforia de um mundo à beira de ruir. O livro é um magnífico retrato da podridão moral de uma certa França, reacionária e colaboradora, mas Modiano es-

capa à tentação da denúncia fácil. Em vez disso, mostra-nos como o narrador, mesmo sem consciência política, vai sentindo um progressivo mal-estar, semelhante ao “de um homem que tateia numa obscuridade viscosa e procura em vão um interruptor”. A procura obsessiva do pai — fantasma perdido entre figuras espectrais, prestes a serem devoradas pelo tumulto da História — torna-se assim ainda mais melancólica, porque o falhanço do reencontro, a impossibilidade da reconciliação, sinaliza tudo o que se perdeu de vez naqueles anos de chumbo.

De fantasmas que “não morrem” também se fala em “Domingos de Agosto” (1986), um romance menor. Numa Nice parada no tempo, um casal em fuga, com um diamante valioso e muitas pontas soltas de histórias anteriores, vê-se enredado

em “gigantesca e invisível teia de aranha”, cujos contornos nunca chegamos a conhecer na totalidade. Quem são as personagens que se materializam de repente e logo desaparecem? De onde vêm? Para onde vão? Tudo é incerto e fluido, nada é o que parece ser, os acontecimentos enevoam-se “até se dissiparem”. Modiano constrói bem a narrativa e as atmosferas, a prosa revela a habitual música, mas o escritor oferece-nos pouco mais do que a exibição da sua mestria. Melhor é “Um Circo que Passa” (1992), também ele “modianesco” até à medula, nos jogos de sombra identitários, nos enredos difusos, nas ameaças latentes, no rasto de “coisas que se começavam a desagregar”, nas personagens à deriva e em perda, com a vantagem de nos mostrar, sem mácula, a Paris da vertigem, nos anos 60 do século passado. **A**

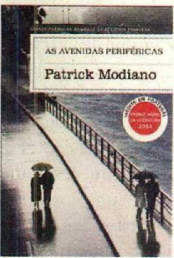
Expresso Actual 29-11-2014	Periodicidade: Semanal	Temática: Cultura
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 952
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 131300	Página (s): 38 a 39



★★★★
DOMINGOS DE AGOSTO
Patrick Modiano
Dom Quixote, 2014, trad. de António José Massano, 142 págs., €13,90



★★★★★
UM CIRCO QUE PASSA
Patrick Modiano
Dom Quixote, 2014, trad. de Ana Cristina Costa, 133 págs., €13,90



★★★★★
AS AVENIDAS PERIFÉRICAS
Patrick Modiano
Porto Editora, 2014, trad. de Paulo Jerónimo, 101 págs., €15,50